

4- Brasil e Coreia do Sul: Industrializações tardia e periféricas

domingo, 22 de agosto de 2021 20:04

Industrialização pesada e crise

I

- Brasil - desenvolvimento da indústria entre 1956-80
 - "Ondas de inovação schumpeterianas", capacidade instalada bem à frente da demanda corrente
 - Conforme a ocorria a interiorização da indústria pesada, se complexificava malha industrial e dependia menos dos mercados externos.
 - Centralidade do investimento público:
 - 1956-62 - investimentos estrangeiros em elétrica/mecânico/automobilístico complementavam investimento públicos em metalurgia básica e infraestrutura.
 - 1974-80 - ampliação e diversificação da indústria pesada abrangeu papel e celulose, siderurgia entre outros. Densificação da malha de relações interindustriais, incluindo industrialização da agricultura.
 - II PND: alavancar setores privados nacionais com joint-ventures, somada a uma aceitação de formas exteriorizadas de transferência de tecnologia.
 - Não houve uma reorientação exportadora de largo alcance. Mercados locais continuaram como principal incentivo para os investimentos diretos externos.
- Mercado brasileiro era disputado entre concorrentes europeus e norte-americanos, instalação de empresas de alta participação estrangeira.
- Entre 1974-1980, utilizou-se mais o ingresso de tecnologia de forma exteriorizada. Neste período, maior padronização tecnológica, maior capacidade ociosa nos países desenvolvidos e firmas de "segunda linha" aumentaram a oferta de tecnologia de forma exteriorizada.
- Industrialização deste período contou com grande contingente de população urbana pobre, o que pressionou salários básicos para baixo. Isso enfraquece os mecanismos de propagação de crescimento e escoamento de produção de bens duráveis. Massa salarial permaneceu baixa.
- Escoadouros externos não complementaram propriamente a produção local.
- Firms transnacionais no Brasil e firmas privadas alavancadas pelo Estado não tinham incentivo para adotar estratégias agressivas de ocupação de mercados externos ou diminuição da defasagem tecnológica.
- Setores do tipo C do capítulo anterior permaneceram ausentes.
- Altas margens de lucro locais eram reinvestidas em diversificação e não em busca de **aprendizado reverso**
- Investimento público pesado dos anos 70 foi uma das razões do aumento da dívida pública.
- Crise de 81-83 fez com que empresas se desfizessem de seus ativos menos líquidos em favor de ativos financeiros com rentabilidade garantida pelo governo, diminuindo assim os investimentos produtivos.

II

- Industrialização coreana da década do começo dos anos 70 e 80 foi marcada por (típico de industrializações tardias):
 - a. Descontinuidade - sem herdar um longo processo de acumulação de capital, como o que aconteceu na América Latina com a pujante indústria leve nas décadas anteriores.
 - b. Baixa participação de investimentos diretos externos, em relação à América Latina. Predomínio de tecnologia exteriorizada. Isso só ocorreu mais em setores de indústria leve para exportação.
 - c. Centralização no Estado das funções decisórias e financeiras, sistema bancária era estatizado e havia controle sobre capital externo.
 - d. Surgimento dos conglomerados ultradiversificados *chaebols*, com elevadíssima proporção dívida/capital próprio, i.e. muito alavancados. Crescimento com endividamento, foi

importante durante o processo de aprendizado. Análogo ao caso japonês, mas na Coreia a direção estatal era mais forte e o Estado tinha mais controle do setor bancário.

- Gradativamente, setores foram se expandindo e criando sinergias entre si. Expande-se ao mercado internacional, principalmente química fina e mecânicos.
- Por que dinâmica industrial da Coreia se manteve e o Brasil esteve em crise nos anos 80? Processo de aprendizado tecnológico e dinâmica concorrencial internacional são mais relevantes do que qualquer "orientação comercial" de tarifas ou políticas estatais simplesmente.
- Como Coreia evitou crise nos anos 80?
 - Alguns setores coreanos não foram bem sucedidos e receberam aportes excessivos (e.g. petroquímica, alguns metais não-ferrosos)
 - Ao mesmo tempo, alta súbita das taxas de juros internacionais dos anos 70 abalaram a situação financeira de empresas.
- Coreia fez um ajuste estrutural para responder ao novo cenário.

O ajustamento estrutural

I

- Taxa de investimentos brutos na Coreia se manteve alta sempre (> 27%) no fim dos anos 70 e anos 80.
- Emergência de produtos coreanos nos mercados internacionais, especialmente eletrônicos e mecânicos.
- Não teve a crise de endividamento das economias periféricas:
 - Bancos japoneses substituíram a fuga dos bancos americanos, conseguiram manter relação dívida/PIB elevada, com novas formas de financiamento (*securities*).
 - Estado garantia boa parte da dívida (>80% do total) mas passivo de longo prazo eram na maioria (>50%) arcados pelas empresas privadas. *Chaebols* passaram a absorver maior fração da dívida (na forma de participação acionária em bancos), e tinham receitas regulares de exportação para lidar com isso.
 - Brasil manteve relação dívida/PIB baixa (muito menos de 50%) mas credores ainda eram reticentes em emprestar para empresas brasileiras.
 - Participação pública na dívida non Brasil aumentou muito rápido (de 52% em 1973 a 76% em 1984), crise de solvência do Estado.
 - *Upgrading* industrial coreano

II

- Reforma financeira do começo da década de 80:
 - Privatização dos bancos
 - Desregulamentação de operações financeiras não-bancárias
- Redirecionamento ao liberalismo? Rejeição do projeto estatal anterior? Não exatamente.
- Rumos da industrialização coreana tinham que mudar:
 - vários setores já estavam saturados, com capacidade ociosa no mundo, e mercado coreano não oferecia mais tanta capacidade de expansão rápida.
 - Fim dos empréstimos baratos à periferia.
- *Chaebols* continuaram crescendo por *takeover* e investindo pesado em P&D.
- Estado capitaneou operações de fusões e aquisições, era o mediador de compras e vendas de empresas conforme problemas percebidos estruturais ou de "má-gestão", mesmo por vezes a contragosto dos *chaebols* receptores dos ativos (em troca de boas relações). Vários exemplos em que grupos foram obrigados a assumir fábricas falidas, por exemplo. Privatização dos bancos não desfez esse papel.
- Déficit fiscal do governo foi se reduzindo, sem apresentar fragilidades, ajudado pela interrupção de subsídios e aumento da economia.
- Diferente da Coreia, no Brasil reajustes às novas condições causaram crise inflacionária e desequilíbrios nas contas públicas.

III

- Parcelas cada vez maior de exportação aos EUA e ao Japão. Tinha saldo comercial crescente com EUA e deficitário com o Japão.
- Firms japonesas passaram a transferir tecnologia e fabricação de "segunda-linha" à Coreia. Boa localização geográfica.
- Firms japonesas e coreanas tinham relação de complementaridade.
- "Comércio Triangular" entre Coreia, Japão e EUA.
- Restrições à exportação pelo Japão fizeram país abandonar alguns produtos de menor preço, espaço ocupado por firms coreanas. Em vários segmentos firms coreanas foram ganhando espaço. Rápido *upgrading*.
- Ainda assim, apesar do sucesso Coreia enfrentava muitos desafios à frente a partir do fim dos anos 80:
 - Mercado americano poderia não se expandir mais tanto
 - Mercado japonês não era tão grande e poderia se tornar mais protecionista
 - Progresso tecnológico se deu até então com muita interação com firms estrangeiras, precisam suportar concorrência e altos gastos em P&D de firms concorrentes de países desenvolvidos.
 - Inexistência de um *welfare state*, jornada de trabalho extremamente longa e outras pressões populares.

O aprendizado tecnológico

Como se deu o aprendizado rápido e reverso coreano

O viés japonês no ingresso de tecnologia

- Japão foi o maior fornecedor de tecnologia à Coreia, tanto em forma de *blueprints* quanto de aprendizados coletivos menos tangíveis, vindas de técnicos japoneses etc.
- Mas tecnologia em forma *blueprint* não foi o principal responsável pelo desenvolvimento tecnológico, desenvolvimento local foi frequente e importante.

A educação técnica da mão-de-obra

- Alta ênfase em educação técnica (diferente da ciência, de mais difícil codificação), aliada à prática para transformar o conhecimento em *skill* propriamente dito.
- Feedback entre experiência e prática criou um largo *pool* de trabalhadores qualificados no país.
- Tradição confucionista de respeito à hierarquia ajudou

A regulação estatal dos investimentos e da transferência de tecnologia

- Órgãos estatais de monitoração, promoção e controle de difusão de tecnologia.
- Centralização financeira e decisória no Estado. Poder de licenciamento.
- Controle de velocidade e sequência de novas fábricas para criar melhor diversificação/economia de escala
- Coreia se tornou uma das economias mais concentradas do mundo com os *chaebol*, que eram em si ultradiversificados.

A diversificação dos conglomerados coreanos

- Centralização nas *chaebol* foi bom para o desenvolvimento?
 - Ganhos de escala financeiros.
 - Transferência de tecnologia dentro de diferentes setores na própria firma (e.g. equipe de pintura de carros recebeu bastante ajuda da equipe anticorrosão de navios na Hyundai)
 - Para o Estado, era bom evitar esforços duplicados entre as *chaebol* em desenvolvimento, mas para as *chaebol* diversificação diluía riscos, mesmo que não aumentasse a eficiência da economia coreana. Grande concentração das *chaebol* pode ter facilitado negociação entre as duas partes para controlar melhor este processo.

Picking winners and punishing losers

- Estado compensava ou punia empresas conforme métricas de exportação/qualidade/tecnologia/custos. (e.g. dava o direito de uma firma criar a segunda planta de um dado setor, ou então dava este direito a uma concorrente)
- Muitos *chaebol* perderam favoritismo do governo e suas partes foram desmembradas para outros *chaebol*.
- Ranking de maiores *chaebol* mudou muito entre as décadas de 60 e 80.
- Como *chaebol* são muito alavancadas, controle estatal sobre o crédito pode ser uma sentença de morte ou decadência.
- Empresas buscavam manter favor do estado, por vezes ingressando agressivamente em novos mercados mesmo quando expectativa de lucro no curto prazo não seria tão atrativa.
- Pressão do Estado gerou um série de incentivos homogêneos em todas as firmas, métricas do Estado se tornavam métricas das firmas.
- No Brasil isso ocorreu de forma diferente, Estado não tinha o mesmo papel ativo.